

REABILITAÇÃO DE GALILEU*

José Goldemberg

Instituto de Física da USP

Aos 10 de novembro de 1979 um papa compareceu, pela primeira vez na História, a uma sessão de Academia de Ciências do Vaticano. Esta Academia existe desde 1603 tendo passado por várias reorganizações, a última das quais em 1936 lhe deu o atual nome. É formada por apenas 70 cientistas naturais do mundo todo sendo presidida atualmente pelo brasileiro Carlos Chagas.

A ocasião escolhida pelo papa foi a sessão especial da Academia destinada a honrar a memória de Einstein no centenário do seu nascimento. Einstein é, sem qualquer dúvida, do ponto de vista científico, a maior figura do século, mas o que tornou a sessão particularmente importante foi o discurso do sumo pontífice reabilitando, na prática, a figura de Galileu, arduamente perseguido pela Igreja pelas implicações que seu trabalho científico teve.

Na histórica sessão, o papa aproveitou uma menção de Carlos Chagas a Galileu, como o maior dos predecessores de Einstein, para e laborar sobre o tema e avançar o trabalho da Igreja na reabilitação do fundador da Física moderna.

É interessante notar que antes de fazê-lo João Paulo II salientou a autonomia da verdade científica e sua independência da verdade religiosa. O papa definiu a pesquisa científica como a busca da verdade que deve ser livre de pressões políticas e econômicas.

No que se refere às aplicações práticas da ciência que pressupõem o desenvolvimento das diversas tecnologias, "ela é indispensável para a humanidade a fim de satisfazer às justas necessidades da vida e enfrentar os vários perigos que a ameaçam". Contudo ela deve ser aliada "à consciência, de modo que através da trilogia ciência - tecnologia - consciência os verdadeiros interesses da humanidade sejam servidos". O papa reconhece que nem sempre isto ocorre mas exalta a prioridade da "ética sobre a tecnologia e do ser humano sobre as coisas materiais".

* Publicado em "O Estado de São Paulo", de 30.03.1980.

Posto isto, o papa reconheceu que existem "cristãos insuficientemente informados da legítima autonomia da ciência" e que "Galileu muito sofreu de homens e de organizações dentro da Igreja".

Com isso fica aberto o caminho para a reabilitação de Galileu em nome do fato que não pode haver conflito fundamental entre a pesquisa científica e a fé "uma vez que coisas materiais e o terreno da fé derivam do mesmo Deus".

As últimas observações do papa indicam claramente a amplitude de visão de João Paulo II e o esforço que ele fez para enfrentar os setores mais conservadores da Igreja que até hoje, passado 4 séculos, não perdoam Galileu por ter desacreditado com sucesso a idéia de que a Terra é o centro do Universo, dogma defendido com unhas e dentes pela Igreja como parte dos esquemas de dominação política da época.

Além disso o que a reunião histórica de 10 de novembro mostra é que finalmente a atividade de procura da verdade científica recebeu o respaldo da Igreja Católica, que demorou a vir mas que acabou vindo.

Na prática, a decisão do papa reforça a independência dos inúmeros cientistas do mundo todo ainda temerosos de que as consequências do seu trabalho poderiam vir a prejudicar interesses criados; a Igreja evidentemente não foi até o presente a única organização a cercar a liberdade científica e um grande número de cientistas - justamente inspirados pela figura de Galileu - já luta há muito tempo contra este cerceamento.

O endosso do sumo pontífice torna a posição da Igreja mais realista mas além disso não deixa de encorajar os mais temerosos de enfrentar a autoridade divina ou outras menos divinas que nos cercam.

A discussão se move agora para a pesquisa tecnológica e às aplicações práticas da ciência. O papa, aqui ficou em generalidades, como é bem sabido a ciência pode ser considerada objetiva e até neutra diante dos interesses de classes sociais e países, mas a tecnologia certamente não o é, uma vez que ela serve sempre a determinados interesses.

Quais desses são os "verdadeiros interesses da humanidade", para usar as palavras do Papa?

Há uma variedade de interesses econômicos (a nível de companhias que competem entre si, ou a nível de nações), e políticas que são difíceis de conciliar: a tremenda importância da tecnologia tanto na guerra como na paz leva os homens que a desenvolvem a passar por conflitos sérios que muitas vezes chegam ao desespero. É ilícito

por exemplo aperfeiçoar as armas nucleares ou preparar germes para u ma guerra bacteriológica? É lícito tirar proveito material da manipulação de guerras e a produção de vida artificial? É lícito promover a obsolescência programada e o consumismo desenfreado da socieda de moderna? Quem entre os homens pode julgar o que é ético e o que não é?

A Igreja pode ajudar a estabelecer esta ética mas não está sozinha nesta área e a humanidade tem ainda muito a progredir até que se atinja um estágio satisfatório para decidir estas questões.